

Particularidades de uma clínica lacaniana e a formação do analista

Karin de Paula

*Verba volant, scripta manent?*¹ Ao contrário da crença popular de que as palavras voam, a Psicanálise nos faz admitir que as palavras permanecem, se inscrevem na carne, no corpo. No final do século XIX, situado na contramão das propostas de intervenção físico-químicas praticadas pela classe médica, o tratamento da histeria por via psíquica, embora considerado como sendo de menos valor, produzia seus efeitos.

Curiosamente, a Psicanálise continuou sendo, como o é até os dias de hoje, uma *talking cure*. Qualquer psicanalista seja este filiado a qualquer das tradições existentes da Psicanálise, propõe para aquele que a ele se dirige: fale. Esta é uma aposta que considera, no mínimo, que a palavra falada se mantém como meio de acesso ao sofrimento humano e implica considerar que esta, a palavra, esteja encarnada e articulada numa fala.

A formalização sobre a implicação da fala se converteu em um dos mais importantes termos da obra de Lacan desde o princípio da década de 50. Em seu célebre “Discurso de Roma”, Lacan denunciou o modo com que a teoria psicanalítica contemporânea vinha negligenciando o papel da palavra em Psicanálise.

Falar supõe que alguém erga a voz diante do corpo de um Outro num espaço suficientemente restrito para que ele ouça e para que ele possa, de preferência, responder-lhe. A partir disso, a fala implica um buraco de silêncio em que cada locutor espera em vão a palavra justa que corresponderia a seu desejo. Por esta razão, a fala sub-tende o desejo e a castração, pois um outro corpo é necessário para assegurar o corte do qual o sujeito se desprende e se recobra. (M. Andrés, 1993)²

¹ “As palavras voam, a escrita permanece.”

² Verbete em Kaufmann(1993)

Ora, é na linguagem que já ouvimos, *e.g.* naquilo que necessariamente provém do Outro, que cabe a cada sujeito encontrar apoio e lugar, a fim de aí reunir seu próprio ser e seu próprio corpo.

Falar supõe dispor de um repertório de palavras, comuns aos seres falantes – a linguagem sobre a qual a fala repousa e se funda. O falar constitui um ato singular num tempo dado, em que a fala se desdobra até o embargo. Falar supõe uma captação do Outro e a espera de encontrar nele um retorno que viria completar sua falta-a-ser.

Mais precisamente, na abordagem que pretendo encaminhar aqui, partilho da concepção de que seja no emprego da linguagem que se desenvolve o ato analítico. E, ainda, que o ato analítico seja o elemento do qual surge o Sujeito cujo “inconsciente é estruturado como uma linguagem”. A este enunciado de Lacan (1953), no qual é reconhecível a própria constituição do registro Simbólico através da linguagem com sua lógica binária, soma-se a idéia de que “a estrutura é o Real que abre caminho na linguagem” (Lacan, 1973), introduzindo, assim, um terceiro elemento a esta lógica, a saber, o objeto causa de desejo.

Por objeto causa do desejo (objeto a), podemos entender o próprio elemento que falta à pulsão em sua fonte (corpo) e que causa seu movimento (da pulsão) em direção aos objetos (alvo) vários e quaisquer para a realização de sua meta (satisfação erótica). O que vem a representar o objeto a, como o que falta, através do forjamento do falo através das cadeias de equivalência simbólica (seio, fezes, falo, bebê, dom, dinheiro, etc.), será fundamentalmente um recurso de designação de uma falta mais radical e primordial, do nível do próprio corpo (Real), do qual o objeto pequeno a é resto.

Nesta perspectiva, fala e linguagem estão articuladas. A linguagem admite o registro Simbólico, o qual implica a palavra falada em sua dimensão significante, ou seja, dimensão que remete a palavra à outra palavra, tendo sido perdido de

vista o referente; e o registro Imaginário, segundo o qual a palavra é tomada em sua dimensão de significado e de significação, implicando a palavra em sua relação com o referente, ou seja, com a imagem da Coisa (*Das Ding*) ou do próprio corpo. O que resta dessa tomada pela palavra falada é a própria Coisa, aquilo que do corpo permanece no registro do Real, ou seja, fora do sentido, atrelado ao registro da necessidade, do instintivo. A idéia é que o que se refere à estrutura contempla a dimensão de inscrição na carne da operação da palavra / linguagem. Nesse sentido, as palavras proferidas não voam, ao contrário, permanecem...não excluem o corpo, ao contrário, nele as palavras ditas se inscrevem e, dessa forma, engendram-no como o que se constitui como causa do desejo.

A experiência humana é registrada, assim, no corpo (R), na imagem (I) e na linguagem (S). Então, proposições como “o inconsciente estruturado como linguagem”(1953) e “ a estrutura é o Real que abre espaço na linguagem” (1973) colocam em evidência a pertinência de considerar a palavra como o meio, o instrumento de uma *talking cure* que se edificou como Psicanálise, ou seja, integrando uma prática que pretende tratar dos avatares das almas encarnadas de forma análoga à de como corpo e alma estão ligados...

O caráter ambíguo e enigmático da palavra falada é, então, do maior interesse para a discussão que se pretende encaminhar aqui, uma vez que, através dos sentidos que produz, tal caráter nos envia ao sem sentido. Aprendemos com Freud que ao acordarmos, ao abirmos os olhos, a experiência precedente, corporal, é tomada por palavras.

De fato, “A Interpretação dos sonhos” de Freud constituiu um marco para a Psicanálise e é inegável que cada vez que se busca iniciar uma nova argumentação no campo psicanalítico este texto continua sendo profícuo e inovador. Desde o primeiro capítulo do livro, Freud nos conduz à idéia de que um sonho é um enigma. A partir dessa condução, estabelece-se um trabalho de

decifração que exige juízo lúdico, capaz de articular algo que permanecia sem sentido na produção de um novo sentido. Subjacente a tal operação de sentido está o seu caráter produtivo, pois seus efeitos de trabalho psíquico são exatamente o que será explorado na composição de uma nova lógica para a prática psicanalítica. Mas, ao mesmo tempo, está também subjacente o caráter efêmero da operação de sentido, pois logo se configurará a existência de um umbigo do sonho.

Então, a própria possibilidade de gerar novos sentidos produz efeitos. Ela coloca em movimento algo que se encontrava simbolizado, de forma enigmática, também nos sintomas. É a este algo que podemos chamar de Inconsciente. Aprendemos com Freud que os sonhos, os sintomas, os lapsos, os atos falhos e o *Witz* constituem as formações do Inconsciente. É possível reconhecer que para cada uma dessas formações do Inconsciente, o que está em jogo se produziu através do uso da palavra e de uma linguagem, ainda que compareçam no corpo, como é o caso do sintoma histérico.

Nesta composição, é possível afirmar que a idéia de inconsciente em discussão não é qualquer uma, mas a do Inconsciente freudiano, inaugurado na *Traumdeutung* de Freud, lido por Lacan, aquele que se forma a partir de uma certa tomada da palavra e do jogo que estas imprimem. Este é o instrumento proposto. Nesta perspectiva, é possível afirmar que tal idéia de inconsciente implica antes um dispositivo que coloca em marcha uma possibilidade de intervenção clínica do que um fato de natureza ou um fator biológico, ainda que, a partir da experiência gerada pelo dispositivo, algo possa ser dito sobre tais aspectos. É sobre este Inconsciente, creio, que se desenrola uma psicanálise lacaniana. É a Isso que se pretende dar voz nesta via de uma psicanálise, numa aposta de que Isso seja o móvel do sentido sintomático, e também o móvel da potência criativa de sentidos novos, sem deixar, contudo, de ser o sem sentido incluído como tal.

Para considerar uma idéia de percurso que leve do Isso à constituição de sentido,

cabe reconhecer que a fonte da pulsão está arraigada no corpo e que o desejo é o próprio movimento da pulsão em busca de um objeto (alvo), que encontra possibilidades languageiras de se fazer representar e realizar-se parcialmente, sob condição de inter-dito, própria das formações de compromisso ou do Inconsciente. O que está em jogo nas formações do Inconsciente, através da condição falante do ser humano, é a própria possibilidade de vir a assumir a condição do movimento desejante para a produção de um sentido próprio a cada um, e, por isso, singular, que encontra lugar na linguagem e no mundo.

Dessa perspectiva, na produção do sentido a ser decifrado ou produzido, a palavra falada entra em ação pelos mecanismos da condensação e do deslocamento. Mecanismos que encontram recursos na condição languageira.

Curiosamente, é distintiva do trabalho psicanalítico a reintrodução exatamente do elemento tempo, já que o que comparece sob transferência também resiste ao tempo, vindo a sofrer sua ação[do tempo] como efeito de interpretação, ou do ato analítico.

O sucesso da intervenção do analista, interpretação ou ato, se conta pelo efeito que produz, e esse efeito certamente se faz pela possibilidade de produzir um sentido novo, que, é claro, não esgota o sem sentido, embora o coloque sob nova condição. Um sentido novo implica considerar a diferença entre o sentido do qual se gozava antes e um outro que venha a se colocar. Esta possibilidade de haver diferença engendra o tempo. Abre-se a possibilidade de novos sentidos e, de certa maneira, uma nova forma de suportar o sem sentido.

Esta possibilidade do novo, da novidade, se encaminha pela palavra. É na relação de substituição que reside o recurso criador, a força criadora, a força de engendramento, caberia dizer: da condensação ou da metáfora. Entretanto, trata-se de uma substituição que permite o reconhecimento de uma verdade em questão.

Para Lacan (1958), a clínica psicanalítica não é do analista, mas do ato analítico. Já em 1945, em “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada”, Lacan enuncia, sob uma idéia que articula lógica e temporalidade, que o ato analítico não é livre, mas comandado por uma lógica, na qual o fim já estaria, em termos de estrutura, antecipado no início, e na qual, entre os dois pontos, há um intervalo, uma hiância. Na clínica da construção significativa, há um intervalo em que o ato do analista vem a operar com o que ele tem de mais radical, “o puro corte”. Não é mais a clínica da identificação aos significantes do analista, mas a clínica do objeto a (objeto [inominável] que causa o desejo) – uma clínica do real. Tais idéias foram bem mais desenvolvidas em 1967, no seminário *O ato analítico*.

Se em todo início de tratamento psicanalítico empenha-se um período para a instalação da transferência como condição do jogo analítico, é preciso considerar que esta instalação, embora seja efeito da oferta do analista, depende também, em grande parte, da lógica de funcionamento psíquico do candidato à análise, o que, como analista, nos coloca diante da eminência de uma outra aposta: a de um diagnóstico diferencial entre os funcionamentos neurótico, psicótico e perverso.

Lembremos que, da perspectiva da Psicanálise, a idéia de diagnóstico é bastante diferente da habitual. Podemos considerar que a idéia de diagnóstico seja oriunda da medicina. No campo da psiquiatria, como é próprio de sua pátria médica, bem como no campo da psicologia, o diagnóstico é feito para indicação de uma determinada intervenção posterior, seja psicoterapêutica ou medicamentosa, e consiste numa avaliação dos sintomas observados. Já no campo da Psicanálise, a investigação diagnóstica consiste numa aposta cotidiana de intervenção na cena intrapsíquica e tem, no contexto da transferência, a condição de seu dimensionamento. Isto porque, para a Psicanálise, as estruturas clínicas – neurose, psicose e perversão – não são categorias pelas quais se possa decidir a partir de uma fenomenologia sintomática manifesta e observável diretamente, como o são para a psiquiatria e a psicologia, mas sim, por dizerem respeito a

determinadas organizações da economia psíquica de um sujeito, a qual só pode comparecer nas condições da transferência. É só a partir da instalação do próprio dispositivo psicanalítico que esta dimensão econômica e intrapsíquica se faz notar. Então, ao mesmo tempo em que a transferência é condição para a aposta diagnóstica, é preciso considerar as condições de instalação da transferência numa aposta sobre os recursos de cada estrutura clínica em questão.

A Psicanálise coloca a questão da angústia em pauta e não pretende se constituir como uma proposta humanista, missionária frente à natureza humana, mas sim, tomar o sujeito em sua particularidade da condição de falante. A aposta, segundo o sentido que se atualiza para mim como praticante ao escutá-lo, é uma pergunta sobre o Inconsciente estruturado como linguagem, que tampouco é um inconsciente admitido como natural. Ao contrário, trata-se de um inconsciente composto pela inscrição de uma série de significantes que cifram o próprio corpo simbolicamente. Este inconsciente, cifrado pela lógica significante, consistiria o campo da própria verdade sobre o desejo, verdade esta que estabelece, então, um saber. Um saber possível sobre a verdade do desejo que, por sua vez, é o próprio objeto da investigação psicanalítica, embora nunca seja totalmente acessível. Como praticantes da psicanálise, em nossa condição similar a de um *crupier*, que convoca cada um que a nós se dirige para que faça suas apostas, é que temos que considerar uma questão que podemos chamar de estilo para a função. E isto é, em si mesmo, uma aposta própria.

O objetivo da cura psicanalítica é levar o analisando a reconhecer a verdade sobre seu desejo. É condição para o reconhecimento do próprio desejo que este seja articulado pela palavra. Não obstante, há um limite para esta articulação do desejo na palavra, o que demonstra o caráter irreduzível do inconsciente. Ainda que a verdade sobre o desejo esteja presente, em alguma medida, em toda palavra falada, a palavra nunca pode expressar toda a verdade sobre o desejo.

No contexto da Psicanálise, as distinções entre as ordens da necessidade, da

demanda e do desejo constituem discernimento imprescindível. A necessidade é expressão do instinto puramente biológico, um apetite que surge do próprio organismo vivo e que se satisfaz, temporariamente, quando atendido.

A particularidade do sujeito humano é que ele nasce em estado prematuro e é, então, incapaz de satisfazer suas próprias necessidades. Sua competência lhe permite, no entanto, lançar um apelo a Outro humano por amparo. Este Outro, ao atender-lhe o apelo, logo o viabiliza como demanda. A demanda é, em última instância, uma demanda de amor a este Outro, esperando realizar com ele a unidade perfeita do ser. A demanda se estabelece pela fala. Falar é demandar, demandar amor ao Outro. É no próprio limite da fala, ou seja, no limite da articulação entre necessidade e demanda – na qual temos como desdobramento o limite do atendimento desta demanda amorosa e sua impossível vocação de buscar o recobrimento da ordem da necessidade – que vemos depreender-se o desejo.

Trata-se, então, de nos situarmos: uma análise é a oferta de espaço, tempo e suporte para que algo próprio ao analisante se produza a partir da condição da *ignorantia docta* do analista, que se faz sobre o eixo presença-ausência, a cada sessão e ao longo de cada sessão, que sustenta a existência de um sujeito suposto ao saber.

O inconsciente considerado como um saber que não se sabe, tem, na repetição, a expressão mais cabal disso, e, no dispositivo da psicanálise, o maior aliado para produzir um saber sobre este saber; uma voz que dá voz à voz inconsciente.

No percurso de uma experiência clínica, é quando o analisando em questão acredita ter contado tudo que tinha para contar, todas suas preocupações e solicitações, suas histórias e certezas sobre si, pronto para considerar a “missão cumprida” e passar a “peteca” para o analista que está diante dele, esperando que este faça alguma coisa com isso, é justamente nesse momento que pode se

instalar a possibilidade de surgir algo estranhamente próprio deste sujeito.

Muitas vezes, neste momento, surgem declarações como “hoje não sei o que dizer” ou “acho que já disse tudo” ou ainda, “que mais eu poderia te contar?”, etc. Assim, ainda que diante de um certo colapso, no lugar vazio sustentado pelo “silêncio em si” do analista, o analisando, traído pelo desejo, poderá vir a emitir um dizer, vindo de alhures, que vem a interrogá-lo.

O analisando vê-se, então, surpreendido diante de seu próprio dizer sobre coisas que não havia previsto, ou que não sabia que sabia ou que pensava. É em sua infidelidade ao que tinha intenção de falar ao analista sobre seu sofrimento, ao trair o que adotava como pensamento sobre si, que lhe escapará, de seu dizer, algo estranhamente familiar, que o deixa à beira do abismo, onde poderá dar o ar da graça. É esperado que o dispositivo de uma análise opere como deflagrador de um cálculo de linguagem que exija a circulação dos dons do próprio analisando e, para isso, este é convocado a se contar.

Como consequência do que foi até aqui argumentado, proponho, então, ainda um outro viés: a articulação de “ter estilo” com “fazer-se psicanalista”. Trata-se de fazer uma articulação através de duas perspectivas intimamente ligadas: 1) a perspectiva do percurso de uma análise; 2) a perspectiva da formação do analista.

Para tanto, é importante reconhecer um novo estatuto também para a idéia de estilo, isto é, transformá-la em conceito. Trata-se de conceber o estilo como um recurso, um “saber-fazer-com”, e não como algo que possa ter estatuto do ser, como uma personalidade ou até mesmo um personagem.

No percurso de uma análise, o que está em jogo é a construção de um modo singular de estar no mundo, entre outros. Isso implica apropriação do que foi recebido/ herdado [dons maternos] e de autoria [dons da castração], ou seja, de um modo de participação na comunidade humana que se inscreva e possa ser

reconhecido como próprio. Trata-se de criar, e, sobretudo, de criar as condições para cada um, conforme já situado anteriormente, dizer ao que veio ao mundo.

Na neurose, o sintoma em si mesmo é um estilo. Um estilo de estar no mundo, mas é um estilo que pode custar caro. É um estilo no qual, em grande medida, ainda se é refém do próprio narcisismo, do outro tomado como idêntico a si. É um estilo crônico. Se preferirmos, idiota, se considerarmos como definição de idiota aquilo que é sempre igual a si mesmo.

Ao mesmo tempo, tanto a neurose quanto o narcisismo constituem, por excelência, a matéria-prima de uma psicanálise. Certamente, a neurose não é o estilo mais comum em nossos dias, como o foi no momento da criação da Psicanálise. No atual estágio de nossa cultura, alguns chegam a perguntar se muito em breve ainda haverá inconsciente, uma vez que se considera a aproximação de um ponto onde não haveria mais recalque. Lembremos que o recalque é a condição para a neurose e para o inconsciente.

Nesse sentido, sem recalque, sem limite imposto ao gozo, haveria como pauta do laço social não só transgressão, ou o ultrapassamento de limites, como a possibilidade do próprio apagamento do sujeito do desejo ou do inconsciente. Ao que tudo indica, o que há de limite sustentado por nossa cultura atualmente é que está num “estado limite”, ou, pelo menos, numa posição questionável, e esta também constitui uma outra questão para a Psicanálise.

De qualquer modo, se considerarmos, para esta discussão, que existe uma análise em curso, consideraremos que há, aí, inconsciente convocado e que as garantias narcísicas foram abaladas. Mas, importa marcar: caem as garantias e ganham espaço os recursos, a circulação de dons viabilizados pela castração. Sim, porque, como já mencionado, não é porque não temos garantias que não temos recursos para lidar com o que surgir. Não é porque não controlamos o

outro, o futuro ou a morte, que não estamos presentes nos rumos dados às nossas vidas. O que está colocado é a possibilidade de se contar na e para a própria existência. “Saber-fazer-com” é a medida. E isso é uma encrenca, pois justamente não equivale a fazer sempre de um mesmo jeito. Daquele jeitinho que já se sabia como era. Aquele truque, aquele vestidinho básico preto que resolveria tudo, todos os riscos de eventuais excessos ou deslizes.

Acho importante incluir que, na perspectiva de ter estilo, ter não se refere à ordem da propriedade, mas do “saber-fazer-com”, de saber contar depois do três: um, outro e o que cada um possui do outro na experiência. Nesse contexto, ter condições de lançar mão dos próprios recursos torna-se uma questão de estilo.

É preciso notar, então, que não caberia, aqui, considerar o pacote “assumir um estilo”, o que seria mais próprio de um amor narcísico, mas, caberia, sim, considerar a idéia de assumir um modo de “possuir”, de fazer com o que se apresenta: aqui está o estilo.

Ter estilo é uma maneira singular de fazer sua própria aposta na vida e na Psicanálise. Não é, então, uma questão de “sou assim”, mas de “faço assim”. Mas não nos esqueçamos: não é porque é singular que pode ser um fazer cínico.

Se o percurso de análise leva alguém a ter estilo é porque o levou à condição de responder por sua forma de habitar o mundo com recursos próprios. Estilo seria, neste contexto, uma forma de arcar com a condição desejante, mortal e também, radicalmente inapreensível do ser. Mais uma vez, trata-se de uma conquista possível através da experiência de análise. Pertencer ao grupo de humanos não pela identificação, mas pela possibilidade de diferença incluída.

Os temas da formação do psicanalista e da inserção deste no grupo dos psicanalistas [e também o dos humanos] estariam diretamente ligados à possibilidade de modificação no laço social. Não existe psicanalista autônomo,

fora do laço social com outros analistas, assim como não existe humano fora do laço com outro humano. A autonomia aplicada a estas condições [analista /humano] seria uma posição delirante.

Um analista se faz como tal entre outros [analistas] e segundo a relação que mantém com a Psicanálise, e não por sua competência em mimetizar o “ser” analista, pela via identificatória, motor da formação das massas, dos grupos em geral, como ensinou Freud.

Conforme já foi expresso, o que está implicado na formação de um analista é da ordem da transmissão e não da ordem do contágio. Assim como foi viabilizado pelo percurso de análise pessoal, o que se coloca aqui se dá pela inscrição singular de cada analista no campo da Psicanálise, logo, não existe estilo sem comprometimento.

Ter estilo é assumir uma causa como própria não por alienar-se nela, mas por encontrar nela um sentido próprio, e, portanto, correr os riscos de ter um posicionamento em relação ao instituído, e não fora desse registro. Reencontramos, aqui, a infidelidade como componente da possibilidade de haver pensamento próprio.

Ter estilo e fazer-se analista explicita a estreita ligação existente entre a análise pessoal do analista e sua relação com o estudo da teoria psicanalítica e deste ofício. A relação com o texto psicanalítico também requer um “saber-fazer-com”. Praticamos a Psicanálise como estudamos.

A escuta psicanalítica do praticante é um correlato de seu percurso de análise pessoal, ou seja, de como se escuta e, também, de sua condição de “escuta” do texto psicanalítico, de sua própria relação com a Psicanálise. Assim como no percurso de uma análise, o estudo da Psicanálise exige, ao invés da reprodução, a assunção de uma dívida simbólica, de infidelidade e reinvenção, sendo que esta

reinvenção, por sua vez, foi engendrada pela análise pessoal do analista. Praticar a Psicanálise não equivale à aplicação de uma técnica ou de uma teoria bem colecionada, mas à sustentação de uma ética.